Revista Brasileira de Comércio Exterior

RBCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXIX
163
Abril, Maio e Junho de 2025

Riscos geopolíticos
Oportunidades comerciais
Contratos em COMEX

Imagem de Pete Linforth por Pixabay

FUNCEX
fundação centro de estudos do comércio exterior

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

EDITORIAL

2 Riscos e oportunidades no novo mapa geopolítico
Mário Cordeiro de Carvalho Jr.

ENTREVISTA

4 Marcos Troyjo
Economista, Sociólogo e Diplomata brasileiro

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

8 Uma jovem adulta - Real a moeda brasileira
George Vidor

MOMENTO ATUAL

10 Em defesa da globalização
Lucas Ferraz

12 O Brasil na Nova Ordem Mundial: Exportações, Desafios e Oportunidades após o "*Liberty Day*"
Cláudio Gonçalves dos Santos e Sérgio Volk

16 Construindo Pontes: Oportunidades e Desafios no Setor de Construção na América Latina
Miller Soares Rufino Pereira

22 A nova rota da internacionalização: escolas como vetores de conexão global nas cidades médias brasileiras?
Cesar Bisson

26 Por que ir tão longe? II
João Carlos V. de Marco

LEGISLAÇÃO EM COMEX

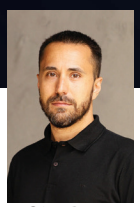
30 Contrato de distribuição internacional de mercadorias na importação
Ana Paula Paixão

36 Tarifas e Imprevistos Comerciais: hora de rever os contratos internacionais
Welber Barral

PRÁTICA DE COMEX

40 Melhoria Contínua aplicada ao Comércio Exterior
Helena Detzel Machado da Costa

A nova rota da internacionalização: escolas como vetores de conexão global nas cidades médias brasileiras


César Bisson

Cesar Bisson é gerente de growth da Red House International School, rede de escolas internacionais em expansão no Brasil. Especialista em educação, atua na prospecção de investidores, desenvolvimento de estratégias de crescimento e estruturação de novos negócios no setor educacional.

Nos últimos anos, o Brasil tem assistido à mudanças significativas em sua educação básica, impulsionadas, de um lado, pelo interesse crescente das famílias por uma formação bilíngue e de outro pela chegada de novos atores e exigências ligadas à economia global. Com o avanço da inserção do Brasil nas cadeias globais de valor, cresce a necessidade de uma infraestrutura de suporte capaz de sustentar essa nova fase do desenvolvimento. Nesse novo contexto, as escolas internacionais deixam de ser exclusividade de grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro e passam a ocupar um papel estratégico em cidades médias e capitais emergentes, operando como verdadeiros catalisadores de desenvolvimento regional.

UMA NOVA GEOGRAFIA DA GLOBALIZAÇÃO

Nas últimas décadas, o Brasil tem experimentado uma mudança significativa na geografia da atração de investimentos estrangeiros. Cidades médias que antes ocupavam posições periféricas na economia internacional passaram a ser visadas por novos fluxos de capital, impulsionadas por fatores como incentivos regionais, logística eficiente, custos operacionais mais baixos e qualidade de vida local. Cidades como Maceió, Aracaju, João Pessoa, Belém e Uberlândia emergem com protagonismo nesse cenário de transformação. Relatórios da ApexBrasil e da Confederação Nacional da Indústria (CNI) já destacam essa tendência de interiorização dos investimentos, com foco crescente em polos regionais capazes de oferecer vantagens logísticas, fiscais e de capital humano.

Esse movimento gera implicações diretas na dinâmica urbana, econômica e social desses territórios. Entre os fatores críticos para sustentar esse processo de internacionalização está a existência de infraestrutura de serviços compatível com os padrões globais, e isso inclui, de maneira estratégica, a educação básica. O presente artigo propõe refletir sobre o papel das escolas internacionais como alicerces da internacionalização descentralizada do Brasil.

ESCOLAS INTERNACIONAIS COMO ATIVOS ESTRATÉGICOS

Famílias estrangeiras em mobilidade buscam segurança, estabilidade e continuidade no percurso educacional de seus filhos. A existência de uma escola com currículo internacional como o IB (International Baccalaureate), Cam-

bridge ou programas bilíngues integrados é muitas vezes, um critério decisivo para aceitação de uma proposta de expatriação. Segundo a International Economic Development Council (IEDC), a presença de escolas internacionais é um dos cinco principais fatores considerados por executivos expatriados ao avaliar relocação familiar. Para empresas, a oferta educacional qualificada torna-se um elemento competitivo na atração de talentos globais.

Além disso, essas escolas funcionam como hubs interculturais, promovem conexões entre famílias locais e estrangeiras, oferecem experiências pedagógicas globalizadas e favorecem a formação de um capital humano preparado para atuar em ambientes internacionais. São portanto, também plataformas que ampliam a inserção global do Brasil não apenas pela via comercial, mas também pela via social e educacional.

Nos últimos anos, grupos educacionais estrangeiros passaram a atuar diretamente no Brasil, seja por meio da implantação de novas unidades, seja por meio da aquisição de escolas já estabelecidas. Essa movimentação reflete uma mudança no status do país dentro da geopolítica da educação básica: o Brasil deixa de ser apenas consumidor de serviços educacionais globais e passa a ocupar o papel de mercado-alvo estratégico para expansão e consolidação de redes internacionais.

Um dos casos mais emblemáticos dessa movimentação é o da Avenues: rede sediada em Nova York, reconhecida por seu currículo IB e forte integração tecnológica. Sua unidade em São Paulo, inaugurada em 2018, foi a primeira da rede fora dos Estados Unidos. Em outubro de 2023, a Avenues foi adquirida pela Nord Anglia Education, grupo britânico que já operava no Brasil por meio do British College Brazil e que, com essa compra, fortaleceu significativamente sua presença no país.

A aquisição da Avenues marcou uma etapa importante na expansão da Nord Anglia no Brasil. No ano seguinte, em agosto de 2024, o grupo incorporou também a Escola Móbile, tradicional colégio paulistano fundado em 1975 e reconhecido entre os melhores do país nos rankings educacionais. Com isso, a Nord Anglia passou a operar três instituições no Brasil: o British College Brazil, a Avenues São Paulo e a Escola Móbile. O grupo tem mantido as marcas e as lideranças acadêmicas e administrativas das escolas adquiridas, enquanto aporta sua expertise global em governança, inovação pedagógica e formação de professores.

Também merece destaque o avanço da Inspired Education Group, rede global com sede em Londres que opera mais de 110 escolas em mais de 20 países. Em 2025, o grupo anunciou novos investimentos no Brasil por meio da rede Eleva Educação da qual é controlador, com foco na abertura de novas unidades e na expansão de marcas já consolidadas no território nacional. O grupo planeja inaugurar 20 novas escolas nos próximos anos, ampliando sua presença em regiões estratégicas como Sul e Nordeste.

Quando grupos como Nord Anglia e Inspired decidem investir aqui, isso sinaliza mais do que uma boa oportunidade de negócio: mostra que a gestão escolar no Brasil começa a ganhar novos contornos, com mais profissionalismo e visão de longo prazo. Essas redes não operam apenas como centros de ensino, mas como estruturas altamente organizadas com foco em resultados acadêmicos, inovação curricular e expansão de mercado.

Nesse cenário, o Brasil se insere em uma nova lógica da economia da educação global: um país que além de formar seus próprios projetos, passa a hospedar operações de redes educacionais transnacionais. Trata-se de um movimento que reforça a necessidade de amadurecimento regulatório e institucional para acompanhar essa nova etapa de internacionalização.

CASOS E TENDÊNCIAS: O QUE REVELAM AS CIDADES NO RADAR

A experiência em campo revela um movimento consistente de internacionalização em cidades fora dos grandes centros.

Dados de órgãos estaduais e municipais de desenvolvimento econômico demonstram que cidades como João Pessoa, Maceió, Aracaju, Belém e Uberlândia vêm se consolidando como destinos atrativos para empresas globais. Esse dinamismo é resultado de uma combinação entre infraestrutura local, incentivos logísticos, políticas públicas pró-negócios e o fortalecimento de uma nova geoeconomia regional.

Esse cenário encontra respaldo nos dados nacionais: em fevereiro de 2025, o Brasil registrou a entrada de US$ 9,3 bilhões em investimento estrangeiro direto, segundo o Banco Central, o maior volume para o mês em mais de uma década. Os recursos foram direcionados majoritariamente para os setores produtivos, o que sinaliza a confiança do investidor internacional no potencial de longo prazo do país. O setor educacional acompanha essa tendência, sendo cada vez mais percebido como infraestrutura estratégica para o desenvolvimento de ecossistemas locais capazes de atrair e reter talentos globais.

A cidade de Belém, além de seu papel logístico na região Norte, se prepara para sediar a COP30 em 2025, um marco que a posiciona no centro das discussões globais sobre sustentabilidade. O evento deve atrair mais de 40 mil visitantes, entre delegações, jornalistas e agentes internacionais, gerando uma demanda adicional por serviços, infraestrutura urbana e educação internacional.

Na região metropolitana de Fortaleza, destaca-se o Complexo do Pecém com seu Hub de Hidrogênio Verde, fruto da parceria entre o Governo do Ceará e o Porto de Roterdã. Embora o hub esteja localizado em municípios vizinhos, é Fortaleza quem concentra a estrutura urbana que pode receber as famílias que acompanharão esse novo ciclo de desenvolvimento. A existência de uma escola internacional na capital cearense, portanto, não é apenas desejável, é estratégica.

Uberlândia, no Triângulo Mineiro, também se consolida como polo logístico e tecnológico de alcance internacional. A cidade já abriga centros de distribuição de grandes marcas e empresas multinacionais, e agora passa a contar com a construção de um complexo do World Trade Center (WTC), reforçando sua vocação global. Esse tipo de investimento exige que o município ofereça serviços educacionais alinhados aos padrões internacionais.

Esses casos mostram que apostar em escolas internacionais não deve ser apenas uma reação à presença de empresas estrangeiras, mas sim parte de um planejamento territorial mais ousado e proativo. Ao integrar a oferta educacional à agenda de desenvolvimento econômico, essas localidades se tornam mais atrativas para empresas, famílias e projetos de vida conectados ao mundo.

OPORTUNIDADE ESTRATÉGICA PARA O BRASIL

À medida que a economia brasileira se diversifica geograficamente e novas cidades ganham protagonismo no mapa dos investimentos estrangeiros, a presença de escolas internacionais tende a se consolidar como um elemento de infraestrutura essencial, tanto quanto aeroportos, hospitais ou zonas industriais.

Em países com forte inserção global, como Canadá, Emirados Árabes e Singapura, o planejamento urbano e a política de atração de empresas estrangeiras já consideram a disponibilidade de escolas internacionais como parte da equação decisória para novos negócios. Esse paradigma começa a emergir também no Brasil, especialmente em estados que têm fortalecido suas agências de fomento.

Essas entidades não apenas buscam atrair capital produtivo, mas compreendem que atrair famílias de executivos e especialistas qualificados exige uma oferta educacional compatível com seus padrões globais. Nesse contexto, escolas internacionais tornam-se um diferencial competitivo para as cidades, um ativo intangível que aumenta a atratividade territorial e sinaliza preparo para integrar cadeias econômicas globais.

Fomentar a abertura e expansão de escolas internacionais é, portanto, uma estratégia de desenvolvimento que atua em múltiplas frentes: educacional, econômica, diplomática e social. Essa tendência ganha ainda mais força com a crescente aceitação, por parte de universidades brasileiras de excelência, como Insper, FGV e Ibmec, de diplomas e exames internacionais em seus processos seletivos.

Em diversas capitais e cidades médias, o número de alunos matriculados em escolas bilíngues já supera o das tradicionais escolas de idiomas, indicando uma mudança cultural profunda.

Cidades com visão estratégica podem incluir projetos educacionais de padrão internacional em seus planos de desenvolvimento urbano, criando distritos integrados que reúnam inovação, cultura e educação global.

DESAFIOS E CAMINHOS

Apesar do potencial evidente, a consolidação da educação internacional como vetor de desenvolvimento no Brasil ainda exige atenção a aspectos regulatórios, formativos e culturais.

No campo normativo, o país já deu passos importantes com a Resolução CNE/CP nº 2/2020, que estabelece diretrizes para a educação bilíngue de caráter aditivo. No entanto, à medida que modelos internacionais ganham espaço no Brasil, cresce também a demanda por aperfeiçoamento e alinhamento regulatório. Trata-se de uma agenda que pode avançar com diálogo entre os setores público e privado, promovendo segurança jurídica e estimulando novas iniciativas.

O segundo desafio é a formação docente. Ainda são poucos os profissionais com fluência em inglês e domínio de metodologias globais. Programas de bolsas no exterior e parcerias com instituições estrangeiras, como ocorre em Singapura e no Chile, podem acelerar esse processo.

Por fim, há um aspecto cultural: é preciso superar a percepção de que escolas internacionais são um modelo elitizado. Ampliar a compreensão da sociedade sobre seu papel estratégico ajudará a legitimar políticas de incentivo e inclusão.

CONCLUSÃO: EDUCAÇÃO COMO INFRAESTRUTURA GLOBAL PARA A COMPETITIVIDADE BRASILEIRA

O Brasil que almeja protagonismo global precisa ir além de portos, acordos comerciais e incentivos fiscais. Precisa investir na formação de sua população para o mundo, e isso começa pela base educacional. Escolas internacionais, especialmente em cidades médias com vocação para atrair investimentos estrangeiros, devem ser compreendidas como parte da infraestrutura crítica para o século XXI.

Essas escolas ajudam a conectar o que acontece localmente com o que o mundo espera, e isso tem impacto real nas decisões de quem investe e de quem escolhe morar nessas cidades.

Ao reposicionar a educação como vetor de conexão internacional, o Brasil fortalece não apenas sua atratividade econômica, mas sua relevância diplomática, cultural e tecnológica.

Em um mundo onde talentos e investimentos são disputados globalmente, cidades que integram educação internacional às suas estratégias urbanas e econômicas saem na frente. Educação internacional não é um luxo, é parte do que faz uma cidade estar pronta para competir e se destacar num mundo cada vez mais interligado.

Mais do que tendência, trata-se de uma necessidade estrutural em um cenário em que cidades disputam investimentos globais e talentos qualificados.

“Educação internacional não é um luxo, é parte do que faz uma cidade estar pronta para competir e se destacar num mundo cada vez mais interligado.”